

ESTUDO HISTORIOGRÁFICO DE DISSERTAÇÕES DE MESTRADO SOBRE O PORTUGUÊS FALADO EM MINAS GERAIS

Eduardo Tadeu Roque Amaral*

Resumo: Este trabalho apresenta uma análise historiográfica de dissertações de mestrado que analisam dados do português falado em Minas Gerais. A pesquisa está baseada em pressupostos teóricos da Historiografia da Linguística, associados com estudos sobre a construção de uma identidade mineira (BATISTA, 2013; KOERNER, 1995; SWIGGERS, 2009, 2013). A metodologia consistiu na seleção, catalogação e análise de dissertações defendidas na Faculdade de Letras da UFMG entre os anos de 1980 e 2010. Entre os resultados, verificamos um grande aumento de pesquisas sobre o português oral nos anos 2000, bem como uma prevalência de estudos com dados de Belo Horizonte e do seu entorno. Defendemos que os resultados se relacionam com a construção de uma "mineiridade", a qual se manifesta, nos estudos linguísticos contemporâneos, como uma busca pela identificação do "mineirês".

Palavras-chave: Dissertações de mestrado. Língua oral. Mineiridade. Historiografia da linguística.

Abstract: This paper presents a historiographical analysis of master's theses that analyze data from the Portuguese spoken in the Brazilian State of Minas Gerais. The research is based on theoretical assumptions of Historiography of Linguistics, in connection with the studies on the construction of a "mineira" identity (BATISTA, 2013; KOERNER, 1995; SWIGGERS, 2009, 2013). The methodology consisted in the selection, cataloging and analysis of dissertations defended at *Faculdade de Letras da UFMG* between 1980 and 2010. We have noted from the results that there was a large increase in the studies on spoken Portuguese in the 2000's, as well as a prevalence of studies with data from Belo Horizonte and its surroundings. We argue that the results are related to the construction of a "mineiridade", which is manifested in the contemporary linguistic studies as a quest for the identification of the "mineirês".

Keywords: Master's theses. Oral language. Mineiridade. Historiography of Linguistics.

Introdução

A linguística, como área de pesquisa tal como a concebemos hoje, é relativamente nova. De acordo com Altman (2012, p. 17), a universidade brasileira só teve a disciplina linguística institucionalizada em 1962, por resolução federal¹. Mais recentes ainda são as pesquisas de pós-graduação que procuram descrever a língua falada. Na UFMG, por exemplo, o *Curso de Pós-Graduação em Letras* é criado em 1973 e a primeira dissertação que trata especificamente da língua falada em Minas Gerais é defendida em 1980.

* Professor adjunto da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. E-mail: eduamaralbh@ufmg.br. Apoio: FAPEMIG (Processo N°: CHE-APQ-00216-13).

¹ Já existia, porém, interesse por sua inclusão nos currículos acadêmicos, conforme comenta Cavaliere (2014, p. 103) a respeito da posição de Antenor Nascentes.

Quando se observa o histórico das pesquisas sobre a língua oral no estado de Minas Gerais, até os anos 70 não havia uma preocupação em descrever essa modalidade linguística (AMARAL e SANTOS, 2016). Tal fato se explica pela ausência de espaços acadêmicos em que tais estudos pudessem ser desenvolvidos e pelo desinteresse de pesquisadores em teorias linguísticas que se ocupassem da descrição de dados de fala. Um marco para o período foi a publicação do *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais*, obra coletiva de pesquisadores da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) que percorreram milhares de quilômetros (116 localidades) com o objetivo de “fotografar” a língua do estado (RIBEIRO et al., 1977). Tal obra se tornou a inspiração para vários estudos posteriores.

Considerando o exposto, toma-se, neste trabalho, o período de 1980 a 2010 para uma análise das dissertações de mestrado que, sob diferentes perspectivas, procuraram descrever um ou mais fenômenos do português falado no estado. Nesse sentido, o objetivo é apresentar um estudo historiográfico das dissertações dessas três décadas que tomam o português oral como objeto de estudo. Procura-se responder às seguintes questões: Como se deu, ao longo desse período, o interesse pela descrição da língua oral? Como é possível interpretar os resultados encontrados, tomando-se como base os pressupostos de uma historiografia da linguística aliada a estudos sobre a construção de uma alegada identidade mineira?

A hipótese é que o interesse pela descrição dos fenômenos do português oral nas pesquisas de pós-graduação foi se ampliando e se diversificando ao longo do tempo e que esse interesse se relaciona com um empenho observado em outras áreas do conhecimento pela criação de uma marca de identidade do estado.

Fundamentação teórica

A análise que se apresenta neste trabalho se insere no conjunto dos estudos de Historiografia da Linguística, disciplina que vem se desenvolvendo desde os anos 70 no âmbito acadêmico como campo autônomo do conhecimento. Essa disciplina tem como objeto de estudo “o desenvolvimento das ideias e das práticas linguísticas” (SWIGGERS, 2013, p. 41) e vem criando, ao longo dos últimos anos, seus próprios princípios (KOERNER, 1995).

De acordo com Batista (2013, p. 39), o que interessa a tais estudos é “descrever, analisar e interpretar o que foi dito sobre linguagem e línguas ao longo do tempo”. Nesse sentido, essa área do conhecimento não toma como objeto de estudo fatos linguísticos, mas “o que foi dito e produzido (em seus contextos sociais e históricos) a respeito das línguas e seus fenômenos” (BATISTA, 2013, p. 49). Nesse fazer historiográfico, a interpretação é fundamental e será necessária para que se entendam as razões pelas quais determinado trabalho apresenta uma ou outra característica.

Considerando que ao historiógrafo interessa não somente as teorias sobre a língua, mas também os contextos de formação e divulgação de tais teorias, ou seja, aspectos internos e externos das pesquisas sobre a linguagem, Batista (2013) elenca vários pontos que favoreceriam uma interpretação historiográfica a partir da relação desses aspectos. Para este artigo, destacam-se os pontos abaixo, que servirão de apoio para a análise que será apresentada adiante:

- a. a formação de grupos de especialidade que concretizam pesquisas em um paradigma ou uma corrente teórico-metodológica;
- b. a institucionalização do conhecimento científico (ou intelectual), a partir de uma observação dos locais em que um paradigma se fixou (...);
- c. a recepção que um paradigma obteve em meio ao processo de desenvolvimento dos estudos da linguagem;
- d. de que forma um paradigma obteve reconhecimento além dos muros da pesquisa e da comunicação científica (BATISTA, 2003, p. 64-65).

Não obstante, no presente artigo, em lugar de um paradigma teórico específico, será observado como um determinado objetivo de pesquisa, ou seja, a descrição de fenômenos da língua oral, encontra-se inserido no conjunto das dissertações que compõem o corpus. Dessa forma, assume-se uma execução historiográfica que, nas palavras de Swiggers (2013, p. 45), toma uma forma tópica, isto é, está focalizada na análise de um tema ou de um tipo de problema.

Tendo em vista o propósito descrito, é possível analisar o corpus selecionado para poder observar como se articulam os sujeitos pesquisadores da língua falada no estado e como as pesquisas que dão origem às dissertações servem para institucionalizar um determinado conhecimento científico. Além disso, como um ponto relevante para a interpretação dos objetos de estudo das dissertações, pode-se verificar de que forma esses estudos são ou não reconhecidos fora dos muros da universidade.

Essa última questão se vincula diretamente ao tema da importância da descrição da língua falada tanto para os pesquisadores da área de linguística teórica, quanto para a sociedade em geral. A hipótese aqui é que esse possível reconhecimento dos estudos está relacionado com a construção de uma identidade que sai dos muros da universidade, alcança os meios de comunicação e chega à sociedade, corroborando a formação de um imaginário que vem sendo construído em outros campos do conhecimento.

Nos textos veiculados pela mídia e em estudos sociais ou da comunicação, busca-se comumente caracterizar uma *mineiridade* ou *mineirice*, termos usados para denotar o modo de ser do mineiro. Pernisa (2011), por exemplo, destaca que a *mineiridade* poderia ser concebida como um:

termo que traduz a conjunção de diversos elementos que constituem um povo tais como apego à tradição, valorização da ordem, prudência, aversão a posições extremistas e, portanto, o centrismo, a moderação, o espírito conciliador; a capacidade de acomodar-se às circunstâncias e, ao mesmo tempo, efetuar transações; a habilidade, a paciência como estratégias para o alcance de objetivos políticos com menor custo (PERNISA, 2011, p. 53).

Ainda segundo a autora, a ideia de mineiridade seria uma criação da elite política e econômica do estado, que teria ganhado legitimidade por meio de diferentes produtos culturais para garantir um discurso único que pudesse resolver as diferenças internas e fortalecer o estado no cenário político nacional. Sua origem estaria situada no período seguinte à implantação da República (PERNISA, 2011, p. 57). Arruda (1990, p. 257), por sua vez, reconhece nos textos dos viajantes do século XIX o princípio da construção da identidade mineira, a qual teria se desenvolvido plenamente com os ensaístas que lhes seguiram, configurando uma elaboração da intelectualidade local.

Nesse cenário, a construção da atual capital do estado no final do século XIX e a presença de uma elite intelectual nas primeiras décadas do séc. XX teriam contribuído para o fortalecimento dessa noção de mineiridade. Coube a Belo Horizonte centralizar diferenças socioculturais que existiam no território mineiro. Segundo Bomeny (1994, p. 37), “há mesmo quem insista no fato de que, muito embora considerada uma unidade regional, a realidade mineira era de separação profunda entre regiões distintas como a das minas, a dos sertões e a do café”. Nesse sentido, a autora destaca que Belo Horizonte, fundada em 1897 e, portanto, filha da

República Velha, teria nascido com uma missão integradora: “fazer das Minas e das Gerais, Minas Gerais” (BOMENY, 1994, p. 44).

Essa necessidade de fortalecimento da noção de mineiridade no início do período republicano vai ao encontro da análise sobre prestígio e desprestígio da fala dos mineiros desenvolvida por Vitral (2013). Para o autor, “o desprestígio do dialeto interiorano de Minas Gerais se deve à sua trajetória na história do nosso país associada ao florescimento e ao progresso de outros centros urbanos brasileiros, sobretudo o Rio de Janeiro, a partir do século XIX” (VITRAL, 2013, p. 134). Seria então o século XIX o período em que a língua oral falada no estado de Minas Gerais teria começado a perder prestígio e, assim, a ser caracterizada como um falar “errado”.

Somente com os estudos linguísticos descritivos do século XX é que a atenção à língua oral do estado passa a ganhar presença nas pesquisas acadêmicas e, em especial, nas dissertações de mestrado. Atualmente, encontra-se inclusive o argumento de que a variação linguística do estado representaria uma variação de nível nacional, como se lê na apresentação do livro de Viegas (2013, p. 9): “há bastante variação nesse estado [Minas Gerais], o que o torna um estado-chave para a pesquisa linguística. Estudando os falares mineiros, em projeção, talvez possamos falar em português do Brasil” (grifo nosso).

Mas não foi somente o interesse por uma marca de identidade mineira ou uma revitalização de uma fala outrora desprestigiada que teria contribuído para os estudos da língua oral. Certamente, questões estruturais das instituições de ensino superior também favoreceram e continuam favorecendo esse interesse. A maior ou menor presença de estudos descritivos sobre a língua constitui, em parte, reflexo da ampliação e desenvolvimento da pós-graduação no país.

Como se sabe, os cursos de mestrado estão sujeitos às normas de autorização, reconhecimento e renovação de reconhecimento, segundo a legislação vigente (BRASIL, 2001). Nesses cursos, é exigência para a obtenção do diploma de mestre que o aluno, além de cumprir os créditos, defenda uma dissertação. Conforme o atual Regulamento do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFMG (POSLIN), constitui objetivo do curso: “oferecer oportunidade para que o aluno aprofunde seu conhecimento acadêmico, bem como desenvolva sua habilidade para realizar pesquisa na área de Estudos Linguísticos, vinculando-se a uma linha de pesquisa do Programa e elaborando uma dissertação que revele capacidade de sistematização e domínio da metodologia científica pertinente” (UNIVERSIDADE, 2011, grifo nosso).

As dissertações que serão analisadas neste artigo são resultados de pesquisas vinculadas a diferentes linhas de pesquisa desse programa de pós-graduação. Todas tiveram, como um dos objetivos, a análise de fenômenos linguísticos que possibilitam descrever a língua portuguesa falada no estado de Minas Gerais. Na próxima seção, explica-se a metodologia utilizada para a seleção e análise do corpus.

Metodologia

Para este trabalho, foram selecionadas as dissertações de mestrado que descrevem diferentes aspectos da língua falada e que foram defendidas na Faculdade de Letras da UFMG durante três décadas, de 1980 a 2010². Do total de 641 dissertações defendidas nesse período, 68, ou seja, 10,6%, desenvolvem análises da língua oral, seja a partir de dados de gravações de língua espontânea ou de testes de laboratório³. Nesse sentido, o corpus deste artigo se constitui de um conjunto de textos em relação a uma delimitação temática do objeto de estudo, ou seja, a língua falada, em consonância com aspectos da descrição historiográfica discutidos por Swiggers (2009, p. 68).

Os procedimentos metodológicos incluíram a seleção e catalogação das dissertações⁴, a análise e interpretação do seu objeto de estudo e de seus aspectos teórico-metodológicos, bem como a relação das pesquisas com o contexto externo de produção. Os resultados que se apresentam a seguir contêm, inicialmente, aspectos quantitativos dos trabalhos e do seu conteúdo e, em seguida, alguns pontos relacionados às escolhas lexicais feitas pelos autores, relacionando-as às pesquisas sobre a construção de uma identidade mineira.

² Em 1973, é criado na UFMG o *Curso de Pós-Graduação em Letras*, o qual foi desmembrado em 1994 em *Curso de Pós-Graduação em Letras-Estudos Literários* e *Curso de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos*, sendo este, em 1998, alçado a Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (POSLIN), conforme informações do site do Programa (2015). Neste trabalho, utiliza-se *POSLIN* englobando os trabalhos de linguística do Curso de Pós-Graduação em Letras (1973 a 1994), do *Curso de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos* (1994 a 1998) e do atual Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (de 1998 aos dias atuais).

³ Nem todos os trabalhos analisam exclusivamente a língua oral. Há alguns que contrapõem língua falada à língua escrita. De qualquer forma, esses também foram incluídos na constituição do corpus.

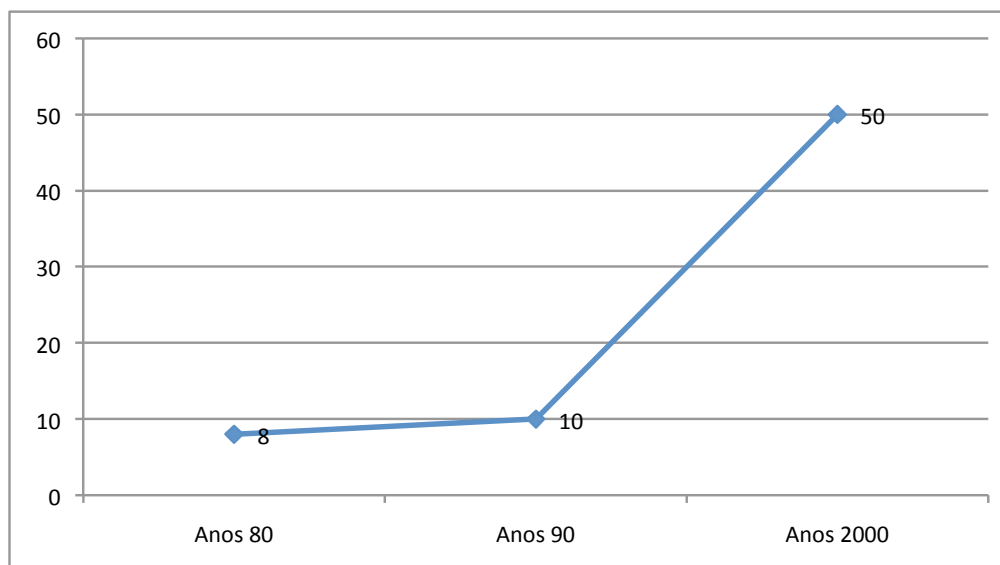
⁴ Agradeço aos bolsistas Marcos Paulo Santos e Thaline Senna Ventura Pires a contribuição na seleção e catalogação dos dados.

Análise dos dados

Aspectos quantitativos das dissertações e do seu conteúdo

Ao longo do período de três décadas (1980 a 2010), observa-se que há um aumento progressivo do número de dissertações em que os mestrandos buscam analisar fenômenos do português falado em Minas Gerais. Nos anos 80, oito dissertações cumprem esse objetivo. Nos anos 90, esse número sobe para 10 e, nos anos 2000, registra-se um salto expressivo na quantidade de dissertações, chegando a 50 trabalhos. Totalizam-se, assim, 68 dissertações durante os 30 anos. O gráfico 1 mostra esse aumento, que se relaciona com um crescimento interno da pós-graduação, caracterizado pela ampliação do número de linhas de pesquisa e de orientadores credenciados. Além disso, é preciso destacar que o desenvolvimento tecnológico também favoreceu a realização dos trabalhos, facilitando a gravação, o armazenamento e a manipulação dos dados.

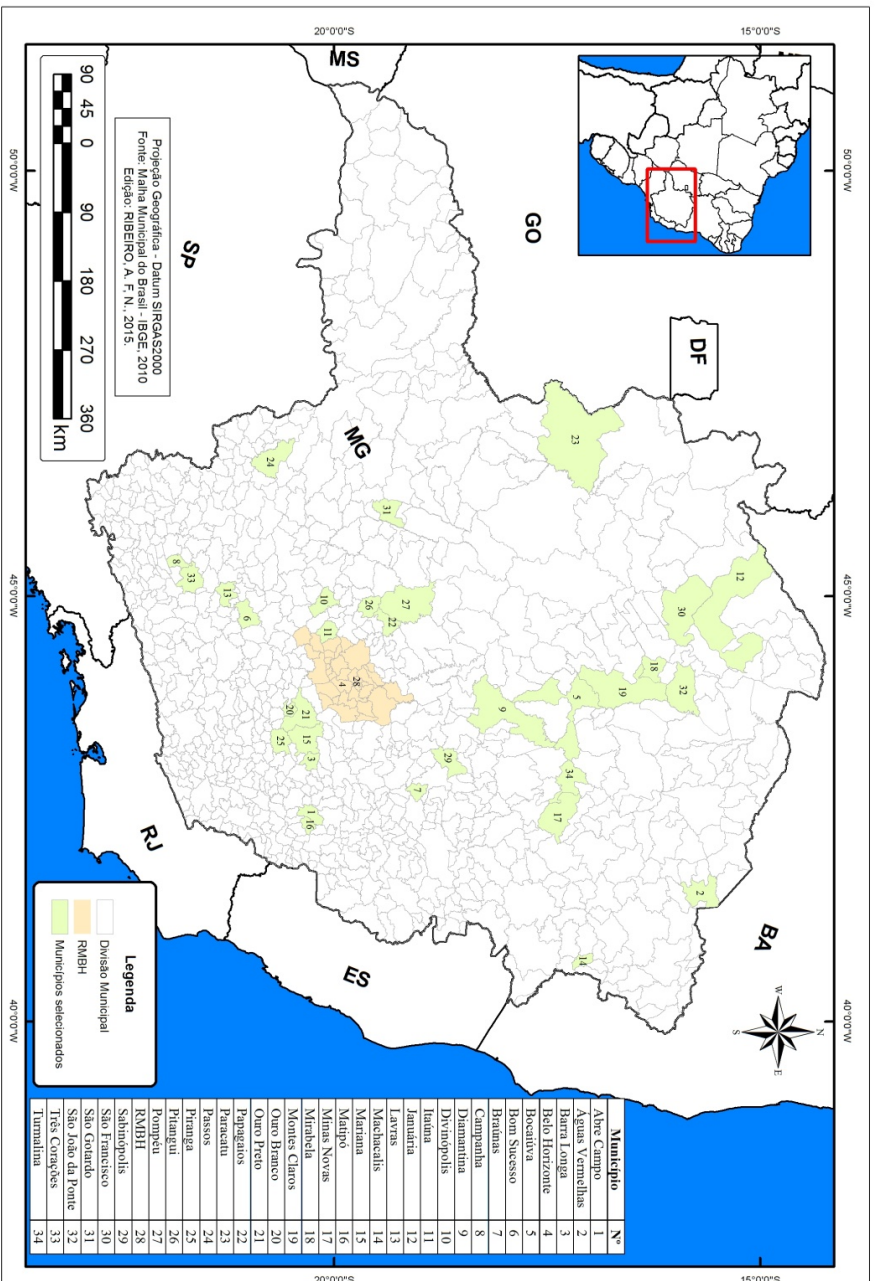
Gráfico 1 - Número de dissertações defendidas na FALE/UFMG que analisam dados do português falado em MG



A análise da descrição metodológica das dissertações permite verificar de onde são os dados que foram analisados nas 68 pesquisas. O mapa 1 registra as localidades de origem dos informantes que contribuíram para as gravações ou testes. Há áreas que concentram localidades de pesquisa e outras em que há poucas ou nenhuma. O Triângulo Mineiro, por exemplo, é uma das áreas do estado cuja fala não se encontra analisada em nenhum dos trabalhos do corpus⁵.

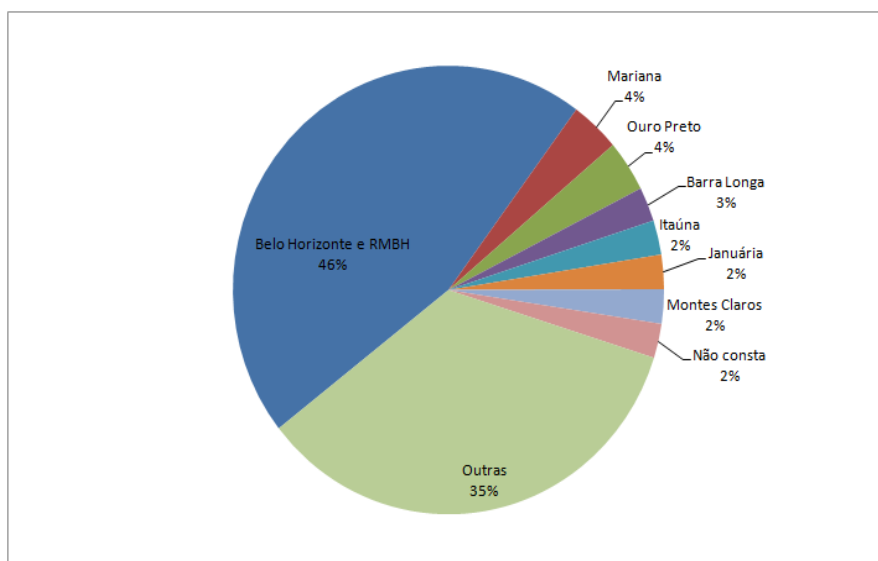
⁵ Para um estudo em que se consideram pesquisas de outras instituições e que permite observar resultados de outras regiões do estado, veja-se Amaral e Santos (2016).

Mapa 1 - Distribuição territorial das localidades de coleta de dados de língua oral para as dissertações



Embora o mapa 1 mostre uma distribuição das localidades de pesquisa em diferentes regiões do estado, quando se observa o percentual de trabalhos que analisa a fala de cada município, a situação se altera. O que se verifica é que quase metade dos trabalhos (46%) analisa dados de Belo Horizonte ou da Região Metropolitana de BH (RMBH), conforme é possível observar no gráfico abaixo:

Gráfico 2 - Porcentagem de dissertações segundo a localidade de origem dos dados



Embora nem todos os estudos apresentem as razões pelas quais foi escolhido um ou outro município para a coleta dos dados, seria possível interpretar o resultado anterior levando-se em conta especialmente a origem dos mestrandos. Há vários casos em que os alunos da pós-graduação procuram analisar dados da região onde moram ou onde possuem parentes e/ou amigos. Os fragmentos a seguir revelam justificativas para a escolha da localidade de pesquisa relacionadas às regiões de origem dos pesquisadores:

Na cidade de Matipó, o Córrego escolhido para realizar as entrevistas foi o Córrego dos Lourenços; já em Abre Campo, o Córrego escolhido foi o Córrego Pouso Alto. Esses córregos foram escolhidos, pois além de serem limitrofes, tinham parentes e conhecidos da pesquisadora morando no local, o que facilitou a escolha dos informantes e o clima de espontaneidade nas entrevistas (MENDES, 2009, p. 43 - grifo nosso).

Como tanto os Sertões do Jacuhy quanto o município de Passos nos são familiares, almejamos realizar a pesquisa linguística nessa área (...), uma vez que nos identificamos e fazemos parte dessa comunidade, convivendo com seus membros (RIBEIRO, 2010, p. 69 - grifo nosso).

Entretanto, como boa parte dos autores que ingressa no programa de pós-graduação reside na própria região metropolitana de Belo Horizonte, foram realizadas pesquisas especialmente na capital ou no seu entorno. Esse fato explicaria o valor de 46% exposto do gráfico 2. Além do mais, é preciso salientar que, embora não seja o procedimento mais comum, o reuso de corpus já constituído favorece a realização de uma pesquisa com dados de outra anterior.

Outra questão relevante na análise das dissertações diz respeito aos fenômenos linguísticos que despertaram maior interesse entre os pesquisadores. Diferentemente de publicações anteriores aos anos 70, marcadas essencialmente por uma tendência generalista (MACHADO FILHO, 1964; PENHA, 1974/1975; TEIXEIRA, 1938), a maioria das dissertações do corpus se dedica a observar fenômenos pontuais da língua oral – duas exceções são Veado (1980) e Silva (1981), que analisam, respectivamente, diferentes traços da fala de informantes não escolarizados de Januária e de crianças de São Gotardo.

Ao observar o estudo dos demais fenômenos, verifica-se que existe uma concentração em pesquisas de caráter fonético-fonológico, morfossintático ou sintático, embora também haja trabalhos que se dedicam a aspectos prosódicos, pragmáticos, lexicais ou discursivos. Os fenômenos reiterados são: o cancelamento de /r/; a variação das vogais médias, com alguns estudos observando o seu alçamento; a ausência/presença de artigo diante de nomes próprios; a prosódia da fala infantil; a variação de formas pronominais (*tu ~ você; você ~ ocê ~ cê; nós ~ a gente; ele ~ el, eles ~ eis, ela ~ ea, elas ~ eas*); a concordância verbal; a indeterminação do sujeito; o dialeto rural, com alguns trabalhos voltados para o léxico.

Com relação às teorias linguísticas que dão suporte às dissertações, observa-se que quase metade se apoia em pressupostos da sociolinguística, seja em uma vertente variacionista do modelo laboviano, seja em uma interface com a Antropologia, a Lexicologia Social ou os princípios da Difusão Lexical. Mas o panorama teórico é bem diverso. Considerando os demais quadros teóricos recorrentes, ou seja, aqueles que

estão presentes em três ou mais trabalhos, destacam-se: a fonologia de uso; o funcionalismo (em suas diferentes correntes); a gramaticalização; os estudos léxico-toponímicos⁶.

Certamente, os resultados acima estão relacionados com a formação e constituição das linhas de pesquisa do programa de pós-graduação em análise. O fato de haver uma concentração de pesquisas descritivas da língua oral em estudos sociolinguísticos se explica especialmente pelo fato de que a língua falada é objeto de grande parte de tais estudos e também pelo fato de haver um número maior de professores orientadores credenciados para orientação de pesquisas sobre variação e mudança linguística⁷.

As escolhas lexicais e a questão da mineiridade

A explicação para o crescimento dos estudos sobre a língua oral não se deve somente a questões estruturais (número de professores credenciados e de linhas de pesquisa), mas também a fatores sociais relacionados à criação de uma identidade linguística.

Com efeito, o interesse por uma caracterização dos modos de falar do estado não pertence somente aos pesquisadores da área, mas, pode-se dizer, aos mineiros em geral. Isso é o que mostra a repercussão que as pesquisas sobre a língua adquirem nos meios de comunicação, que frequentemente procuram apresentar resultados das pesquisas linguísticas (ALMEIDA, 2011; GIUDICE, 2007; OLIVEIRA, 2006). Há sempre o desejo de mostrar o que diferenciaria a fala dos mineiros da dos demais brasileiros.

No caso das dissertações em análise, essa questão identitária pode ser observada nas escolhas lexicais realizadas pelos autores. Por um lado, verifica-se que, para marcar variedades sociais ou dialetais mais específicas, são empregados os termos *fala* ou *falar*, seguidos de uma especificação: “fala de crianças”, “fala dos jovens”, “fala dos moradores de...”, “falar infantil”, “falar dos mineiros de...” Por outro lado, observa-se,

⁶ É preciso ressaltar que essa classificação não é categórica. Há dissertações que se apoiam em outros pressupostos teóricos e inclusive há algumas em que o(a) autor(a) afirma adotar uma determinada teoria, mas não o faz. Discutir esses casos, no entanto, não será objetivo deste trabalho.

⁷ No quadro atual, o número de professores credenciados na linha denominada *Estudo da variação e mudança* é superior ao de outras, totalizando 10 docentes. Na mesma área de concentração (*Linguística teórica e descritiva*), seguem-lhe as linhas *Estudos da língua em uso* e *Organização sonora da comunicação humana*, com 7 e 4 docentes, respectivamente.

com certa frequência, a presença do termo *dialeto mineiro* para a referência à variedade estudada, tal como se lê nos seguintes fragmentos⁸:

“Proporemos também que os clíticos *me* e *te* estão sendo reanalisados no dialeto mineiro, adquirindo o estatuto de prefixos de concordância” (ROCHA, 2010, p. 86 - grifo nosso);

“esse banco de dados será disponibilizado através do projeto VARFON-Minas para a constituição de um banco de dados referente ao dialeto mineiro e poderá, eventualmente, contribuir para a elaboração de um Atlas Linguístico Mineiro. (DIAS, 2008, p. 78-79 - grifo nosso).

Ainda com relação ao termo *dialeto mineiro*, é possível analisá-lo não só como uma tentativa de delimitação de uma área geoletal, mas também como busca de uma marca de identidade linguística, que reforçaria, mas ao mesmo tempo desmitificaria, ideias do imaginário social⁹. Por um lado, tenta-se buscar uma unidade que, como qualquer língua ou dialeto, tende a ser artificial. Por outro lado, os resultados encontrados nas pesquisas possibilitam desfazer mitos que os meios de comunicação geralmente divulgam, reforçados por estereótipos sociais. Em todo caso, a boa repercussão que os estudos sobre a língua ganham na mídia e nas redes sociais contribui para reforçar a ideia de uma mineiridade que vem sendo construída, conforme comentado anteriormente, desde o início do Brasil República.

Se substantivos como *mineiridade* ou *mineirice* têm já um uso difundido em outras áreas do conhecimento, tal como exposto anteriormente, o mesmo estaria ocorrendo com a palavra *mineirês* nos estudos de caráter linguístico. Desse modo, além de se falar em *dialeto mineiro*, com todas as suas possibilidades de interpretação, tem se difundido nos últimos anos o termo *mineirês*, que dicionários clássicos da língua, como Ferreira (2009) e Houaiss (2009), não registraram em edições recentes. O Aulete Digital, por outro lado, o define como “o linguajar dos mineiros” (AULETE, 2015). Essa inclusão do item lexical como verbete de um dicionário *on-line* é uma demonstração clara de sua importância fora dos muros da universidade.

⁸ A discussão sobre a existência no estado de um dialeto ou de um ou mais falares é antiga. Veja-se, a respeito Nicolau (2011), Zágari (1998) ou mesmo a discussão sobre o tema que já expunha Nascentes (2011 [1955]).

⁹ Esse termo também está presente em várias obras contemporâneas, as quais contêm resultados de pesquisas de mestrado (COHEN e RAMOS, 2002; RAMOS e COELHO, 2013).

Considerações finais

A partir da análise exposta, verifica-se que, se o século XIX instaurou um desprestígio do dialeto interiorano de Minas Gerais, tal como apontado por Vitral (2013), o século XX, especialmente a partir dos anos 80, revelou um crescimento dos estudos que descrevem e ao mesmo tempo valorizam a língua falada no estado. Se, por um lado, pode-se afirmar que essa valorização é tardia, comparada ao desenvolvimento da noção de mineiridade em outras áreas do conhecimento, por outro lado, ela se justifica pela inclusão recente da linguística nos currículos acadêmicos - conforme apontado anteriormente - e notadamente pelo recente interesse descritivo da língua falada, que passou a ganhar maior destaque a partir da adoção de teorias sociolinguísticas na pesquisa universitária.

Voltando às questões expostas anteriormente, pode-se afirmar que houve, na Faculdade de Letras da UFMG, ao longo do período de 1980 a 2010, um interesse crescente pelo estudo da língua falada, o qual se acentua a partir dos anos 2000, bem como um predomínio de dados da capital do estado e do seu entorno, coletados seja sob a forma de gravações de língua espontânea, seja por meio de testes em laboratório. De certo modo, esses estudos de dados de Belo Horizonte e do seu entorno, usados para a caracterização do *dialeto mineiro*, cumpriria a missão integradora que teria sido reservada à capital desde a sua fundação, conforme exposto anteriormente.

Verificou-se que, diferentemente de publicações anteriores aos anos 70, marcadas essencialmente por uma tendência generalista, os trabalhos do período em questão focalizam fenômenos específicos. Essa diferença se explica pela natureza monográfica dos estudos, bem como pela introdução e valorização na pós-graduação de teorias linguísticas da segunda metade do século XX. Nesse sentido, constatou-se uma concentração de estudos sobre variados fenômenos morfossintáticos ou fonológicos, que foram, ao longo dos 30 anos, analisados com base na recepção e adoção especialmente de teorias como a sociolinguística, o funcionalismo (em suas diferentes vertentes), etc.

Essa diversidade de fenômenos contribui para o conhecimento não só da realidade do português falado no estado, mas também serve de apoio para a descrição e delimitação do imaginário de uma variedade linguística. Para alguns autores das dissertações, determinados fenômenos poderiam caracterizar o chamado *dialeto mineiro* ou o *mineirês*. Essa busca por caracterizar tal *dialeto* encontra um eco em diferentes

estudos que procuram, desde o século XIX, caracterizar a chamada *mineiridade*, em uma tentativa de formar uma unidade a partir da diversidade. Conforme apontado por Arruda (1990, p. 117): “Minas é plural mas integrada; sua unidade advém do fato de haver recolhido e guardado pedaços do Brasil”.

Retomando Swiggers (2013, p. 49), vê-se que “a história das reflexões e dos esforços envidados em prol do fenômeno da linguagem é uma parcela essencial de nossa história como seres humanos”. O autor destaca também que o estudo dessas reflexões sobre a linguagem “não só nos ensina muito sobre a história da linguística (e sua proto-história), como também sobre o papel central que exerceu e ainda exerce a linguagem na história das culturas, das sociedades, das atividades intelectuais da humanidade” (SWIGGERS, 2013, p. 49). Considerando o exposto pelo autor e os resultados obtidos neste trabalho, pode-se afirmar que o estudo das reflexões e pesquisas sobre a língua portuguesa falada em Minas Gerais nos ensina muito sobre o papel que a linguagem exerce na construção de uma identidade e na imagem que os próprios mineiros vêm formando de si mesmos.

Referências

- ALTMAN, Cristina. História, estórias e historiografia da linguística brasileira. *Todas as letras*, v. 14, n. 1, p. 14-37, 2012.
- ALMEIDA, Jéssica. Maria do Carmo Viegas – dezembro 2011. *descubraminas.com*, Belo Horizonte, dez 2011. Cultura, Entrevistas. Disponível em: <http://www.descubraminas.com.br/Cultura/EntrevistaDetalhe.aspx?cod_entrevista=1647>. Acesso em: 29 dez. 2011.
- AMARAL, Eduardo Tadeu Roque; SANTOS, Marcos Paulo. As pesquisas sobre o português falado em Minas Gerais em 125 anos de história (1889-2014). *Domínios de Linguagem*, v. 10, n. 3, p. 1172-1201, 2016.
- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. *Mitologia da mineiridade: o imaginário mineiro na vida política e cultural do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- AULETE Digital. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/mineires>>. Acesso em: 3 jan. 2015.
- BATISTA, Ronaldo de Oliveira. *Introdução à historiografia da linguística*. São Paulo: Cortez, 2013.
- BOMENY, Helena. *Guardiães da razão: modernistas mineiros*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.
- BRASIL. Resolução CNE/CES nº 1, de 3 de abril de 2001. Estabelece normas para o funcionamento de cursos de pós-graduação. Disponível em: <<http://goo.gl/juW8vR>>. Acesso em: 26 dez. 2014.
- CAVALIERE, Ricardo Stavola. *A gramática do Brasil: ideias, percursos e parâmetros*. Rio de Janeiro: Lexikon Digital, 2014.
- COHEN, Maria Antonieta Amarante de Mendonça; RAMOS, Jânia Martins (Org.). *Dialeto mineiro: estudos de variação e mudança linguística*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2002.
- DIAS, Fernando Correia. Mineiridade: construção e significado atual. *Ciência & Trópico*, v. 13, 1985, p. 73-89.
- DIAS, Melina Rezende. *A variação das vogais pretônicas no falar dos mineiros de Piranga e de Ouro Branco*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário eletrônico Aurélio*. Versão 6.0. 4. ed. Curitiba: Positivo Informática, 2009. 1 CD-ROM.

GIUDICE, Patrícia. Modo de falar em BH vira alvo de estudo. O Tempo, Belo Horizonte, 9 ago. 2007. Disponível em: < <http://www.otempo.com.br/cidades/modo-de-falar-em-bh-vira-alvo-de-estudo-1.308540>>. Acesso em: 25 mai. 2016.

HOUAISS. *Dicionário eletrônico da língua portuguesa*. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1 CD-ROM.

KOERNER, Ernst Frideryk Konrad. Historiography of Linguistics. In: KOERNER, Ernst Frideryk Konrad; ASHER, R. E. *Concise history of the language sciences: from the sumerians to the cognitivists*. Oxford / New York / Tokyo: Pergamon, 1995. p. 7-16.

OLIVEIRA, Manoella. O sotaque de Belô: Pesquisa da UFMG investiga peculiaridades do linguajar dos moradores da capital mineira. Belo Horizonte, *Boletim da UFMG*, n. 1558, 27 nov. 2006. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/boletim/bol1558/oitava.shtml>>. Acesso em: 30 dez. 2014.

MACHADO FILHO, Aires da Mata. *O negro e o garimpo em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

MENDES, Andréia Almeida. *A ausência ou a presença de artigo definido diante de nomes próprios na fala dos moradores da zona rural de Abre Campo e Matipó-MG*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

NASCENTES, Antenor. Divisão dialectológica do território brasileiro. In: NASCENTES, Antenor. *Estudos Filológicos: volume dedicado à memória de Antenor Nascentes*. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011 [1955].

NICOLAU, Eunice Maria das Dores. A questão do dialeto mineiro revisitada: a fala de Minas e aspectos morfossintáticos do português do Brasil. Em: COHEN, Maria Antonieta Amarante de Mendonça. et al. *Anais do 1º Encontro sobre a diversidade linguística de Minas Gerais: cultura e memória*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2011. 1 CD-ROM. p. 91-97.

PENHA, João Alves Pereira. Aspectos da linguagem de São Domingos: tentativa de descrição da linguagem rural brasileira. *Alfa*, v. 20/21, p. 81-118, 1974-1975.

PERNISA, Mila Barbosa. *A construção simbólica da identidade mineira no telejornal da Rede Minas*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, 2011.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS. *O Poslin: origem e etapas de constituição*. Disponível em: <<http://www.poslin.letas.ufmg.br/index.php/sobre-poslin>>. Acesso em 15 jan. 2015.

RAMOS, Jânia Martins; COELHO, Sueli Maria (Org.). *Português brasileiro dialetal: temas gramaticais*. Campinas: Mercado de Letras, 2013.

RIBEIRO, José et al. *Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais*. Juiz de Fora: Fundação Casa Rui Barbosa/UFJF, 1977. vol.1.

RIBEIRO, Gisele Aparecida. *O vocabulário rural de Passos/Minas Gerais: um estudo lingüístico nos Sertões do Jacuhy*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

ROCHA, Ricardo Machado. *Morfossintaxe de caso nos pronomes pessoais do português brasileiro/MG atual*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SILVA, Cosme Damião da. *Características de um falar infantil*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1981.

SWIGGERS, Pierre. La historiografía de la lingüística: apuntes y reflexiones. *Revista argentina de historiografía lingüística*, v. 1, n. 1, p. 67-69, 2009.

SWIGGERS, Pierre. A historiografia da lingüística: objeto, objetivos, organização. *Confluência*, Rio de Janeiro, n. 44/45, p. 40-59, 2013.

TEIXEIRA, José de Aparecida. O falar mineiro. *Revista do Arquivo Público Municipal*, v. XLV, São Paulo, p. 5-100, 1938.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Regulamento do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, de 13 de maio de 2011. Disponível em: <<http://www.poslin.lettras.ufmg.br/index.php/sobre-poslin/legislacao>>. Acesso em: 26 dez. 2014.

VEADO, Rosa Maria Assis. *Comportamento lingüístico do dialeto rural*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1980.

VIEGAS, Maria do Carmo (Org.). *Minas é singular*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2013.

VITRAL, Lorenzo. O que faz um dialeto ser “errado”? In: RAMOS, Jânia Martins; COELHO, Sueli Maria (Org.). *Português brasileiro dialetal: temas gramaticais*. Campinas: Mercado de Letras, 2013. p. 121-136.

ZÁGARI, Mário Roberto Lobuglio. Os falares mineiros: esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.) *A Geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: UEL, 1998. p. 31-54.

Artigo recebido em: 31/10/2016.
Artigo aceito em: 24/06/2017.
Artigo publicado em: 20/07/2017.